



Título: DIVERSIDADE, CAOS E DESCENTRALIZAÇÃO: A ESTABILIDADE A PARTIR DO MOVIMENTO

Orientanda: Olívia Blanc Silveira

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marisa Martins Lambert

Vigência: Agosto de 2019 a agosto de 2020

OBJETIVOS

O trabalho “Diversidade, Caos e Descentralização: a Estabilidade a partir do Movimento” buscou desenvolver um estudo sensível e poético em dança acerca da relação entre movimento, diversidade e a manutenção da sustentabilidade. Realizado de forma prático-teórica, objetivou-se pesquisar através da realização e análise de práticas em dança, aliadas ao levantamento e estudo da bibliografia, valorando o corpo/dança/gestualidade como campo de investigação e construção de saber.

O estudo procurou entrecruzar a análise feita por Vandana Shiva (2003) acerca das formas de perceber as relações envolvendo agricultura e sociedade, operadas na implementação dos sistemas monoculturais, com formas de estudar e perceber a dança, a gestualidade na pós-modernidade, tendo como principais referências os pensamentos de Irmgard Bartenieff, Steve Paxton e Hubert Godard. Este encontro foi tecido no intuito de repensar a dança em diálogo com inúmeros campos de saber, sobretudo considerando que as formas de engajamento do corpo (incluindo aqui formas artísticas de relação corpo-contexto) estão sempre atravessadas pelo sujeito, interioridade e subjetividade, objetivos e culturas (LAMBERT, 2010).

Com o desenvolvimento do trabalho a partir da proposição de realizar testagens de movimento sobre equilíbrio e desequilíbrio, mobilidade e estabilidade, controle e descontrole, dentro e fora, emergiram com mais precisão aspectos condutores da investigação e aprofundamento na temática escolhida, apresentados como perguntas provocativas:

- O que está em jogo quando falamos de profundidade e tridimensionalidade na relação sujeito/mundo?
- É possível pensar em controle e organização, tanto na estrutura psicomotora dos indivíduos, quanto na agricultura, de forma maleável, flexível?
- O que se perde quando o desconhecido, o pequeno, o diverso são eliminados em pró de uma objetividade ou estética de concepção linear?
- Como dialogam a repetição e as espirais entre o potencializar e o esvaziar, entre a estaticidade e a mobilidade?

A pesquisa também se propôs a trabalhar todos esses aspectos citados pensando a cena, com o intuito de desenvolver um processo artístico e performativo que pudesse ser compartilhado.

BREVE DESCRIÇÃO

Durante o primeiro semestre de vigência do projeto, foram realizadas semanalmente práticas investigativas em dança, registradas pela escrita, por vídeos e desenhos. Através desses materiais de questionamento e suporte, eram elaborados processos reflexivos que buscavam tanto analisar as práticas através dos símbolos e discursos (reconhecimento de referenciais e memórias), quanto através da experiência assentada internamente, encarnada, envolvendo sensações e sentidos observados no fazer. As leituras bibliográficas aliaram-se às práticas, ora direcionadas pelo que se manifestava como gesto ora propondo experimentações para a composição em dança. O arcabouço deste estudo, portanto, foi construído por esse diálogo fluido entre prática e construções teóricas e artísticas.

Foram amplamente exercitados movimentos em direção ao perceber os deslocamentos que um indivíduo realiza enquanto parado, investigando a ampliação e silenciamento desses pulsos, entre o perceptível e o imperceptível. A exploração das transferências de apoio do corpo tiveram bastante destaque nesses laboratórios práticos, pensando no conjunto função/expressão ou expansão/recolhimento desse movimento contínuo que nunca se encerra durante a vida. Nesse trabalho, observava-se pequenas quedas realizadas nesses deslocamentos como potencializadoras de um mover-se em fluxo, procurando a queda não como um movimento que se encerra no contato com o chão, mas que potencializa o jogo de entrega e resistência do peso à gravidade.

O estudo da percepção sobre si como corpo gestual¹, profundo e tridimensional, o uso de desenhos e movimentos espiralados e o estudo da repetição de forma maleável foram grandes disparadores para a escrita e elaboração dos resultados e conclusões. Através das relações estudadas, pude, durante o segundo semestre, exercitar a análise desse trabalho e compreender de forma mais profunda o que a observação da minha gestualidade (entendendo aqui pensamento também como gesto) pôde desenvolver acerca da relação entre mobilidade e sustentabilidade.

RESULTADOS

É um desafio resumir e organizar os resultados do trabalho através da escrita, por sua estrutura linear e unidimensional. Talvez possa começar por aí. É possível que a análise mais importante realizada neste trabalho tenha sido acerca do papel da percepção, das formas e neuroses do perceber em simplificar, planificar, ou conferir profundidade, tridimensionalidade à relações que sustentam ecossistemas, considerando também o gesto e conhecimento como tais.

Essa elaboração começou a borbulhar a partir de dois pontos. O primeiro, ao observar como, ao apoiar-me excessivamente nos registros em vídeo realizados sobre as práticas, sentia cada vez mais dificuldade em aprofundar-me na percepção da minha gestualidade no momento da experiência. Isso fazia

¹ Utilizo neste trabalho o conceito de gesto proposto por Godard (2002) e Isabelle Launay (2013), no qual caracteriza-o como algo que é essencialmente humano, enquanto um movimento é apenas um deslocamento que poderia, por exemplo, ser realizado por uma máquina. Desse modo, o gesto carrega subjetividade, inclui percepção, ação e intenção, está sempre em relação ao contexto. Compartilha da ideia proposta por Laurence Louppe (2012), de que “o corpo não é anterior ao seu próprio movimento; não existe uma substância corpo prioritária, mas uma rede de interferências e de tensões através da qual o sujeito é constituído pelo próprio meio.” (p.77).

com que a análise do trabalho estivesse pautada muito sobre as imagens em vídeo e pouco sobre observações interiores provindas da pesquisa. O segundo, ao entrar em contato com os pensamentos de Shiva (2003) ao abordar o empobrecimento de funções e relações estabelecidas entre comércio, população, fauna, flora e ciclo da água, ao passar da diversidade para a monocultura. Em outras palavras, a planificação e atrofiamento de teias complexas de diálogo presentes nesses sistemas operadas pelas “monoculturas da mente”. Então, pergunto: O que está em jogo quando falamos de profundidade, tridimensionalidade?

Tanto a dança quanto os modos de uso da terra são aqui observados enquanto construções gestuais, percepção-pensamento-movimento, que carregam memória, subjetividade e estão inseridos em um contexto. Logo, esbarram-se ou são atravessados por formas dominantes de perceber e agir no mundo, às quais Shiva (2003) define como “monoculturas da mente”, vinculadas à modernidade, ao capitalismo, colonialismo, imperialismo, epistemicídio.

O pensamento monocultural tem como fundamento um movimento unidirecional ao encontro da dominação. Manifesta-se sob a premissa do lucro, dos processos que desembocam em resultados monetizáveis. Shiva (2003) explicita como, ao enxergar a agricultura e a silvicultura através de lentes monoculturais, desaparece a importância da diversidade de espécies da flora na terra, pois são desfeitas, no âmbito da percepção, as relações rizomáticas entre as espécies e a manutenção da vida. Essas incluem, para citar alguns exemplos, alimentação, produção de remédios, madeira para construção de moradia, forragem e conservação do solo e da água. A percepção monocultural é fragmentada, está relacionada ao controle rígido e à centralização do saber. As espécies, populações e saberes "dissidentes" são postos como "ervas-daninhas" a serem eliminadas, colonizadas.

Escolhi, nesta pesquisa, repensar na dança os desdobramentos das “monoculturas da mente” a partir de uma perspectiva micro, as atuações desse modo dominante manifestado no indivíduo, no empobrecimento da percepção sobre si como um corpo relacional. Dentro disso, estudei alguns encadeamentos planejados, enfraquecidos ou desfeitos na esfera da gestualidade no contexto “monocultural”.

Com a predominância de um modo de vida voltado para o futuro - incluindo aqui as ideias de resultado, produto - observamos corpos arremessados para frente sem o amparo do solo, sem a construção das bases da estabilidade que auxiliam na expansão da mobilidade (LAMBERT, 2010). Tanto a frontalidade proposta pela experiência da imagem virtual, sejam espelhos, vídeos, fotos, quanto a neurose da visão, a predominância da visão sobre os outros sentidos, provocam a atrofiação da percepção das bases de sustentação do corpo, e deste como ecossistema tecido em profundidade, que se expande para dentro da pele. Um corpo tridimensional em oposição a um corpo imagem.

Ao experienciar a dança e a percepção de si em um movimento linha, unidimensional, que procura a investigação da mobilidade para tecer um produto, uma imagem sem profundidade, exercícios voltados para sentir e integrar camadas internas, bases de sustentação, são perdidos. Não há espaço para o “pequeno”, para o interno, para o processo. Como apresenta Godard (1995), as subjetividades do gesto de um indivíduo pautam-se na forma singular como cada um construiu, no processo de verticalização, formas tônico-expressivas de organizar-se perante a força da gravidade. Dar lugar à criação de movimento partindo

das subjetividades requer olhar para as bases que nos estruturam, tecidas num jogo que integra memórias e musculaturas profundas. Requer abrir espaço para o imperceptível, para o “pequeno”.

Perceber para transformar. Parar para observar, fazer mais devagar, ampliar o sentir e imaginar o corpo, a musculatura e os órgãos para reconfigurar padrões automatizados de ação (Paxton, 2018). Expandir a sensação de tridimensionalidade é ampliar a percepção do corpo, da gestualidade como construções relacionais.

Como Shiva (2003) apresenta ao abordar as monoculturas, a planificação das formas de perceber incluem a fragmentação, desvinculação de elementos que constituem um todo. O padrão contralateral de suporte à mobilidade (movimento cruzado), é justamente aquele que, segundo Lambert (2010), permite a tridimensionalidade do gesto. Ele evidencia a disposição diagonal das fibras musculares e organizações articulares do corpo, que, predominantemente, movem-se nas 3 direções, ainda que em intensidades diferentes, permitindo o desenho diagonal (HACKNEY apud LAMBERT, 2010). As torções e espiralações dos membros, em especial da coluna (promovida pela mobilidade entre cabeça e cóccix), são apoiadas pelo padrão contralateral pois exigem o uso articular e muscular mobilizados nos três planos, movendo intensamente o corpo como uma teia de relações. É também o padrão que “permite lançar-se para além da segurança dos limites do corpo” (HARTLEY apud LAMBERT, 2010, p. 147), relacionado à adaptabilidade, utilizado por Bartenieff para auxiliar na conectividade corpo, mente, emoção e espírito, continuidade dentro/fora, sensorial/físico (LAMBERT, 2010).

Desde o início dos laboratórios práticos, ao tentar encontrar na potência expressiva do movimento o que seria o “controle móvel”, surgiram movimentos circulares e contínuos, poéticas de desenhar espirais no espaço. Estudando a série “*Spirals*”, de Louise Bourgeois, artista plástica que trabalhava com temáticas do inconsciente, desejo e corporalidade, passei a compreender algumas tensões presentes nessas movimentações. A repetição e a espiral tendem à organização por vias não estáticas. Através da permissividade ao movimento, podem atuar como fios condutores à processos inicialmente caóticos. Ainda assim, ambos são movimentos contínuos que podem, dependendo do contexto, dar a sensação de imutabilidade. A constância presente na repetição e espiral jogam com a ideia de um movimento que não cessa, mas que, ao mesmo tempo, corre o risco de esvaziar-se de sentido e criar uma dramaturgia plana, sem contrastes.

Sobre essa análise, pude experimentar na prática distinguir o uso da repetição que revisita, profunda, permite dissidência, e o uso da repetição que cristaliza, engessa. Passei a praticar a repetição de uma mesma estrutura coreográfica exercitando uma presença sempre investigativa, que possibilitava experienciar a partitura subjetivamente, modificar, amadurecer, fazer escolhas expressivas durante a prática. O refazer, como sugerido por Bourgeois (2007), sugere uma fuga do ciclo vicioso, uma possibilidade de entrever novos caminhos. É uma etapa móvel, não é uma resposta final. A artista usa a espiral apontando para um processo sempre em aberto.

Dentro disso, surgiu a pergunta “É possível pensar em controle e organização, tanto na estrutura psicomotora dos indivíduos, quanto na agricultura, de forma maleável, flexível?”. Com ela, a tentativa de

delinear o que seria o controle móvel, que reside nas espirais, nos movimentos realizados para a sustentação do corpo enquanto parado, no refazer, na diversidade, no espaço para o “pequeno”. Percebi como, ao buscar organizações gestuais maleáveis e caóticas, direcionava meu tônus ao abandono, peso passivo, na tentativa de me desfazer de qualquer forma de controle. Era difícil me mover com o tônus tão baixo e não havia um aprofundamento, fio condutor para a construção do conhecimento. Com isso, compreendi como a formação da minha percepção sobre as ideias de “controle” e “organização” construiu-se atrelada justamente ao engessamento, invisibilizando outros significantes ou modos de aproximação, como um processo sempre fechado e rígido. Ao que pude entender aqui, o controle como estrutura, sustentação, fio-condutor é essencialmente móvel.

Com a impossibilidade de compartilhar presencialmente os estudos práticos, devido às políticas de isolamento social frente à pandemia de Covid-19, criei um perfil no instagram para partilhar textos, reflexões, imagens e registros de ensaios relacionados à pesquisa de forma menos formal e mais interativa. O perfil está disponível em: <https://www.instagram.com/arquivo_depesquisa/>.

BIBLIOGRAFIA

- ALYS, Francis. *In a Given Situation*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, pp. 245-246.
- BOURGEOIS, Louise; STORR, Robert; WARNER, Marina. *Louise Bourgeois*. New York, NY 10010: Rizzoli International Publications Inc., 2008.
- DIAS, Bianca. *A dimensão do corpo na obra de Ana Mendieta*. Portal de Publicações Eletrônicas da UERJ, 2015. Disponível em: (<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/viewFile/20099/14397>). Acesso em: 08 jan 2020
- GERALDI, Sílvia. *A prática da pesquisa e a pesquisa na prática*. Práticas Somáticas em Dança, Brasília-DF, v.1, p. 131-150, 2019.
- GODARD, Hubert. Gesto e Percepção. In: SOTER, Sílvia e PEREIRA, Roberto (org.). *Lições de Dança 3*. Rio de Janeiro. UniverCidadeEditora, 2003.
- GODARD, Hubert. *Olhar cego*. Entrevista com Hubert Godard, por Suely Rolnik. Lygia Clark: da obra ao acontecimento. São Paulo: Pinacoteca do Estado, p. 73-79, 2006.
- KILOMBA, Grada. Entrevista concedida à Festa Literária Internacional de Paraty, Paraty (RJ), jul. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4YtSS9N6xAs&t=1975s>> Acesso em maio de 2020.
- LACERDA, Cláudio Marcelo Carneiro Leão. *Contraespaços entre dança e arquitetura: uma perspectiva coreológica da obra de Zaha Hadid*. Tese de Doutorado. Repositório UFBA, 2018. Disponível em: (<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25534>) Acesso em: 10 ago 2020.
- LAMBERT, Marisa Martins. *Expressividade Cênica pelo Fluxo Percepção/Ação: O sistema Laban/Bartenieff para o desenvolvimento somático e a criação em dança*. Tese de doutorado. Campinas, 2010.
- LIMA, Dani. Gesto, Corporeidade, Ética e Política: pensando conexões e diálogos. *Babel*. Conceição/Conception, v. 7, n. 2, p. 12-17, 21 dez. 2018.
- LIMA, Dani. *Gestos: Práticas e Discursos*. Editora Cobogó. Rio de Janeiro: 2013.
- LOUPPE, Laurence. *O corpo como poética*. In: Poética da dança contemporânea. Lisboa: Orfeu Negro, 2012, p.69-9
- MORAES, Juliana. *Dança Frente e Verso*. Ed. 1. São Paulo – SP: nVersos editora, 2013.
- MARENGO, Mayana; MUNIZ, Zilá. *Um olhar sobre Material for the Spine, de Steve Paxton*. Rev. Bra. Estud. Presença. Porto Alegre. v.8, n.1, p.155-116, jan/mar/2018. Disponível em:(https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-26602018000100151&lng=pt&tlng=pt). Acesso em jul 2020.
- PAXTON, Steve. *Gravity*. Contredance Editions, 2018.
- SHIVA, Vandana. *Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003.
- SILVA, Isabela. *Os deslocamentos de Ana Mendieta – rastro, intervalos e fronteiras*. 2018. Instituto de Artes – Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2018.
- SUQUET, Annie. *Cenas. O corpo dançante: um laboratório da percepção*. In: COURTINE, Jean-Jacques (Dir.). História do Corpo vol. 3: As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p. 509-539.

